

# Nas fissuras da península e do sujeito: *A jangada de pedra*, de José Saramago

Claudia Amorim\*

*Ao Eduardo,  
a quem me sinto estranha e amorosamente ligada por uma lógica que me  
escapa.*

## RESUMO:

Este artigo analisa o romance *A jangada de pedra*, de José Saramago, cuja primeira edição é do ano de 1986. O romance problematiza pela via do ficcional a adesão de Portugal à União Europeia ao criar uma viagem fantástica da península Ibérica que, separada do continente europeu, singra o oceano Atlântico até fixar-se em meio à América e a África. Além disso, o romance propõe uma nova visada sobre os acontecimentos, privilegiando uma observação mais sensorial e intuitiva dos mesmos, bem como a aceitação de que há coisas que não alcançamos pelo exercício da razão. Desse modo, traça-se na viagem a singularidade barroca da península e dos povos que a compõem.

**Palavras-chave:** Viagem. Europeísmo. Iberismo.

Com o homem começa o que não é visível  
José Saramago

Ainda há quem não acredite em coincidências,  
quando coincidências é o que mais se encontra e prepara  
no mundo, se não são as coincidências a própria lógica do mundo.  
José Saramago

Publicado em 1986, ano em que Portugal ingressou na Comunidade Econômica Europeia, atual União Europeia, o romance *A jangada de pedra*, de José Saramago, problematizava, à época, pela via ficcional, a adesão portuguesa ao conjunto dos países europeus, ao mostrar uma viagem inusitada da península Ibérica pelo oceano Atlântico, que, contrariamente ao que se decidia politicamente, dava as costas ao velho continente rumo a um lugar utópico — afinal, a península acaba sua viagem fixando-se num ponto do oceano Atlântico como se fora uma nova Atlântida.

Vinte e quatro anos após a publicação desse romance, a frágil unidade da União Europeia surge ameaçada. Alguns dos países que integram esse bloco, que se esperava hegemônico e estável, começam a apresentar problemas crescentes de ordem econômica e social, vide os recentes acontecimentos ocorridos na Grécia em processo de greve geral contra a política neoliberal estatal. Entre esses países estão especialmente aqueles anteriormente designados como periféricos na política eurocêntrica como Turquia e Portugal, por exemplo, além da Grécia anteriormente referida. O processo de globalização neoliberal e capitalista, que se tornou hegemônico no Ocidente, vai mostrando suas limitações quando os países da periferia da Europa começam a indicar, em termos econômicos, quão precárias são as estruturas em que se apoiam.

Ao publicar seu romance no ano de 1986, José Saramago certamente não conhecia o futuro da União Europeia e o termo globalização não era tão usual, mas sua obra apontava já as especificidades de Portugal e da “invertebrada Espanha”, para usar a célebre expressão de Ortega y Gasset. A “região dos infernos”, segundo a concepção que os gregos antigos tinham do finisterra, conforme nos lembra o narrador do romance, apresenta suas particularidades e nesse romance elas tomam corpo através da viagem que a península, transformada em ilha, inicia mar afora enquanto os povos ibéricos se espantam e os demais europeus acompanham impacientes esse ato de “rebeldia” e “irracionalidade”.

Para alguns europeus, essa “rebeldia” da península já era de se esperar. O narrador saramaguiano usa da ironia para demonstrar nesse momento a opinião que a Europa não ibérica tem dos povos da península:

(...) Ainda que não seja lisonjeiro confessá-lo, para certos europeus, verem-se livres dos incompreensíveis povos ocidentais, agora em navegação desmastreada pelo mar oceano, donde nunca deveriam ter vindo, foi, só por si, uma benfeitoria, promessa de dias ainda mais confortáveis, cada qual com seu igual, começamos finalmente a saber o que a Europa é, sem não restam nela, ainda, parcelas espúrias que, mais tarde ou mais cedo, por qualquer modo se desligarão também. Apostemos que em nosso final futuro estaremos limitados a um só país, quinta-essência do espírito europeu, sublimado perfeito simples, a Europa, isto é, a Suíça (SARAMAGO, 1989, p. 153).

O romance de Saramago traz assim, com a viagem da península, uma resposta possível ao sentimento de ressentimento e fascínio com que pelo menos Portugal sempre olhou para a Europa além Pirineus. Como nos lembra Eduardo Lourenço, no ensaio intitulado “Nós e a Europa - Ressentimento e fascínio” esse sentimento de marginalidade de Portugal em relação à Europa é antigo e, no processo histórico do desenvolvimento do capitalismo na Idade Moderna, a estagnação ibérica é fato incontestável. Mas é durante o século XIX que essa “conotação deprimente, esse sentimento de desvalia que o Portugal e a Espanha dos séculos XVII e XVIII não viveram” (LOURENÇO, 1994, p. 26) torna-se dramático.

Na ficção saramaguiana, a viagem da península se apresenta como uma resposta a esse sentimento de desigualdade. Ao desprender-se do velho continente, a península busca sua singularidade identitária e liberta-se desse lugar de marginalidade em relação ao continente europeu, alinhando-se por vontade própria aos países da periferia do capitalismo. Considerando-se que a península Ibérica termina sua viagem pelo oceano Atlântico em algum lugar entre a costa ocidental da África e a América Central ou América do Sul, podemos inferir que ela se situa como uma nova Atlântida, mas política e culturalmente ligada aos países colonizados por Espanha e Portugal.

Para além da questão política presente nesse romance, encontramos em sua estrutura um componente importante que comparece em algumas narrativas contemporâneas: a presença de elementos de cunho fantástico.

A contemporaneidade inaugurou na literatura um viés que, se antes se manifestava por intermédio de escritores que fugiam à lógica da verossimilhança, ganhou força com a ruptura que as vanguardas do início do século XX desencadearam com relação à arte canonicamente considerada.

As origens dessa ruptura se encontram nos fins do século XIX, época em que as certezas da ciência e da razão sofreram um duro golpe, abrindo para sempre um abismo entre a ilusória crença na razão e a certeza da inconstância do mundo. Muitos foram os fatores que contribuíram para a derrocada da razão soberana, mas, sem dúvida, a revolucionária descoberta de Freud sobre o inconsciente abalou os alicerces sobre os quais os homens pensavam construir seu futuro. Para além da razão, há algo que resiste ao conhecimento, algo sobre o que nada se sabe: o inconsciente.

No lastro desse esboroamento de certezas, as vanguardas artísticas subverteram a pretensa linearidade da história e essa passou a assumir-se como mais um discurso sobre o enigma da existência. A partir das vanguardas e, especialmente, da arte surrealista, o conceito de realidade se modificou inexoravelmente, em razão da constatação de que aquilo que se convencionou chamar de realidade é irrepresentável. Os anos posteriores levaram ao ápice essa impossibilidade e, desde então, abundou, em termos de arte literária, um modelo de narrativa que se pautava por uma lógica interna, despreocupada com o estatuto da verossimilhança.

A impossibilidade de a linguagem falar diretamente do real, tomado como impossível, segundo nos ensina o psicanalista francês Jacques Lacan, abriu novos caminhos na literatura contemporânea que assumiu seu estatuto de criação, dando origem a inúmeras narrativas metaficcionais. Na esteira da crise de representação do signo linguístico, algumas obras literárias romperam o estatuto do possível e instauraram a “normalidade” do insólito.

Em Portugal, alguns escritores da segunda metade do século XX engendraram novos caminhos na literatura, entre os quais se encontra José Saramago cuja obra começa a ter visibilidade literária na década de 1970. Saramago renova a narrativa portuguesa e, embora não seja um escritor filiado à literatura fantástica, traz em suas obras alguns traços de cunho indiscutivelmente insólito. É só lembrarmos, por exemplo, da conversa das formigas enquanto atravessam o chão da cela da prisão no qual está o corpo ensanguentado do líder político Germano Vidigal assassinado pela ditadura portuguesa, em *Levantado do chão*; do voo da passarola construída por uma nova trindade (Baltasar, Blimunda e o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão), em *Memorial do Convento*; das memoráveis conversas entre Ricardo Reis e Fernando Pessoa recém-falecido, em *O ano da morte de Ricardo Reis* etc. Nos últimos romances do autor, o insólito também se faz presente, mesmo que esse seja gerador e/ou resultado do caos em que a humanidade mergulhou, como observamos em *Ensaio sobre a cegueira* ou *O homem duplicado*, por exemplo.

Em *A jangada de pedra* a presença de acontecimentos inusitados se faz marcante desde as primeiras páginas. O romance tem início quando estranhas ocorrências simultâneas são isoladamente testemunhadas e/ou desencadeadas por cinco personagens inseridos em seu cotidiano prosaico. Os cinco personagens – três homens, duas mulheres, que mais tarde serão acompanhados de um cão – não se conhecem, sequer suspeitam do que está ocorrendo quando se deparam cada um com um estranho fenômeno que lhes desperta a atenção.

Joana Carda risca o chão com uma vara de negrilho e o traçado jamais desaparece; José Anaiço é subitamente seguido por um bando de estorninhos por onde quer que vá; Joaquim Sassa em uma praia lança uma pesada pedra ao mar que, contrariando as leis da física, continua pulando sobre a água, malgrado seu peso; Pedro Orce sente subitamente sob seus pés um tremor contínuo que os sismógrafos e sofisticados aparelhos são incapazes de detectar; Maria Guavaira, para ocupar seu tempo de mulher solitária, começa a desfazer uma meia desfiando a lâ que não cessa seu desenrolar. Enquanto isso se passa, o cão Ardent escolhe as regiões infernais quando instintivamente salta da fronteira da França para a Espanha no momento em se torna o único ser a testemunhar o aparecimento de uma inexplicável fenda abaixo de suas patas:

O cão Ardent rondava, inquieto, mas não podia fugir, atraído por aquela serpente de que já não se via nem a cabeça nem a cauda, e subitamente perdido, sem saber de que lado ficar, se em França, onde estava, se em Espanha, já distante três palmos. Mas este cão, graças a Deus, não é dos que se acomodam às situações, a prova é que, de um salto, galgou o abismo, com perdão do evidente exagero vocabular, e achou-se do lado de aquém, preferiu as regiões infernais, nunca saberemos que nostalgias movem a alma de um cão, que sonhos, que tentações (SARAMAGO, 1989, p. 17-18).

Esses sucessos prosaicos podem ser os desencadeadores da ruptura ou dela consequências. De qualquer modo, nada se pode dizer com certeza em um tempo em que todas as certezas ruíram. E os personagens que os testemunham serão então os primeiros ibéricos a ler e interpretar os fenômenos de modo diverso. Afinal, lembra-nos o narrador que as respostas estão em toda parte, e é preciso que se façam as perguntas.

Se não podemos afirmar com certeza que os insólitos fatos são os responsáveis diretos pela ruptura da península, o fato é que eles são índices de uma transformação radical e definitiva na vida de homens e mulheres ibéricos, e particularmente na vida desses personagens que deliberadamente se aproximam, criam laços afetivos e passam a percorrer as terras ibéricas em razão da necessidade de ressignificar suas vidas, não só com relação às suas identidades enquanto ibéricos, não europeus, como também à sua vida pessoal, que se coloca sob nova visada. Afinal, se há um deslocamento físico de uma terra em processo, é necessário que passemos a enxergar o mundo de outra maneira. Não é outra a conclusão desses personagens, como se pode depreender do diálogo entre Joaquim e José quando, à sombra de uma grande figueira, percebem que o mundo visível não é mais o mesmo, ainda que toda mudança tenha sido quase imperceptível:

(...) e José Anaiço diz, Estas sombras não estão já como eram, Moveu-se a península tão pouco, uns metros, o efeito não pode ter sido grande, observou Joaquim Sassa, feliz por ter compreendido o comentário, Moveu-se e bastou para que as sombras todas se tivessem tornado diferentes, há aí ramos que a luz da lua toca pela primeira vez a esta hora (SARAMAGO, 1989, p. 61).

O simbolismo desses insólitos acontecimentos liga-se ao espaço, seja ele a terra (com Joana Carda e Pedro Orce), o ar (com José Anaiço) ou a água (com Joaquim Sassa). O fio a unir esses personagens é o do novelo de Maria Guavaira, a galega que não se chama Ariadne. Também o fogo será aqui representado pelo cão Ardent, que o traz no nome, se não pela própria designação da península como lugar infernal, segundo nos lembra o narrador. No deslocamento da península, o espaço adquire outros valores e será ele o primeiro a ser ressignificado. Impossível também não associar a viagem dessa península à viagem de Gama no poema épico camoniano, outra obra em que o espaço assume um caráter primordial. Os tempos são outros e em razão disso essa nau de pedra é agora de ibéricos e não de lusos. Os mares atravessados remetem de imediato aos mares (tantas) vezes navegados, do texto camoniano. No entanto, os tempos nada têm de epopeicos e as travessias, quando existem, são de outra ordem.

Se o espaço é uma categoria privilegiada nesse romance, o mesmo se dá com relação ao tempo, embora a ênfase que se dá a essa categoria seja mais diluída ao longo da narrativa. A primeira referência importante ao tempo (tempo histórico) ocorre quando Joaquim Sassa e José Anaiço vão ao encontro de Pedro Orce, que vive em terras andaluzas na região de Venta Micena. O narrador logo observa que em tal local foram achados os restos do europeu mais antigo. Além disso, a conversa decisiva entre esses três homens se dá sob uma oliveira, como a resgatar uma tradição dos povos mediterrânicos no que diz respeito aos diálogos filosóficos da Antiguidade. Nesse sentido, passado e presente se encontram, formando um ciclo como a lembrar aos homens que tudo é história e tudo está interligado.

Vivendo o tempo presente a partir da diferença que se instaura com uma península à deriva, Joana, José, Joaquim, Pedro e Maria, acompanhados do cão, iniciam uma viagem de carro e depois de carroça por dentro de uma jangada de pedra que navega no oceano Atlântico. A viagem que fazem inscreve-se na contracorrente do movimento de fuga de milhares de ibéricos e de turistas que, nos aeroportos, tentam desesperadamente deixar a península subitamente ameaçadora, porque afastada da Europa, ou seja, da “civilização”.

Buscando entender sob nova visada os acontecimentos, os três portugueses (José, Joaquim e Joana), o espanhol andaluz (Pedro) e a galega (Maria), instauram com essa viagem um novo tempo porque são leitores sensíveis da realidade que se transforma. Para entendê-la não é suficiente a razão, o conhecimento

científico. Afinal, os sismógrafos nada haviam detectado quanto à ruptura, ela tampouco se explica segundo a lógica cartesiana. Apoiados apenas na leitura do mundo, atentos às mudanças e às observações dos outros companheiros, os personagens engendram uma ou várias explicações possíveis, mas não se preocupam em ratificar suas hipóteses. Os novos tempos impõem a aceitação da fenda, ou seja, do nada, do vazio que ganha nitidez quando tudo se desloca. Para suportar o vazio, tecem-se os laços de amor e amizade.

Se o discurso racional busca tamponar o vazio, engendrando teorias, razões, fatos que busquem explicar científica e racionalmente os fenômenos, os novos tempos ensinam a esses viajantes que nada é o que parece, ou, no dizer, de Roque Lozano, um camponês andaluz com quem os viajantes cruzam por acaso, neste mundo “todo es una bufonada” (SARAMAGO, 1989, p. 67). Aqui se ratifica mais uma vez a singularidade da península Ibérica ainda eivada de barroquismo, uma vez que um dos princípios da estética barroca é a ilusão; *trompe l’oeil*.

A afirmação de Lozano não é desprezada por esses novos viajantes. Ao se unirem e traçarem sua própria rota dentro de uma península viajante, eles primeiramente intuíram e depois entenderam que as verdades mais concretas – como o fato de haver uma península no finisterra da Europa – se diluem, tornando-se nada, pó, coisa nenhuma. E será preciso construir então novas referências que também estarão sujeitas a rupturas, fendas, desmoronamentos, esboroamentos.

A contemporaneidade lança-nos a todos nesse mar sem leme, nessa imprecisão que está no cerne da própria vida. Nesse sentido, ao contrário do mapa geopolítico econômico que configura uma Europa unificada, a península – ao afirmar sua ruptura incontestável – aproxima-nos de nossa descoberta mais cara e mais dolorosa nesse momento: a de que estamos irremediavelmente sós, em nossas viagens, em nossas descobertas. Não há resposta possível. Nem Deus, nem a razão, nem a ciência... Tudo se esvai na fenda irreversível da contemporaneidade.

No entanto, há algo que se funda, que permanece, que resgata a nossa humanidade: o desejo de saber, a capacidade de atribuir sentido(s) e os sentimentos amorosos que unem as pessoas. Os homens não cessam de buscar entender o que se passa. Mais sensíveis aos sentidos, à percepção direta das coisas, e nem por isso menos complexa, esses personagens, plenos de solidariedade e afeto, dispõem então de novas maneiras de significar o mundo:

(...) ora reparem, nós aqui vamos andando sobre a península, a península navega sobre o mar, o mar roda com a terra a que pertence, e a terra vai rodando sobre si mesma, e, enquanto roda sobre si mesma, roda também à volta do sol, e o sol também gira sobre si mesmo, e tudo isto junto vai na direcção da tal constelação, então o que eu pergunto, se não somos o extremo menor desta cadeia de movimentos dentro de movimentos, o que eu gostaria de saber é o que é que se move dentro de nós e para onde vai, não, não me refiro a lombrigas, micróbios e bactérias, esses vivos que habitam em nós, falo doutra coisa, duma coisa que se mova e que talvez nos mova, como se movem e nos movem constelação, galáxia, sistema solar, sol, terra, mar, península. (...) Com o homem começa o que não é visível, foi a resposta surpreendida de José Anaiço, que a deu sem pensar. (...) Maria Guavaira, por se a menos instruída, foi a primeira a falar. Ao não visível daríamos o nome de Deus, mas é curioso como se introduziu na frase um certo tom interrogativo. Ou vontade, a proposta veio de Joaquim Sassa. Ou inteligência, acrescentou Joana Carda, Ou história, e este remate foi de José Anaiço. Pedro Orce não tinha qualquer sugestão a fazer, limitara-se a perguntar, quem julgue que isso é o mais fácil está muito enganado, não tem conta o número de respostas que só está à espera das perguntas (SARAMAGO, 1989, p. 256-257).

O eurocentrismo se enfraquece quando o espaço é repensado e a península singra os mares sem o apoio de bússolas ou quadrantes. Não se trata mais das aparelhadas naus dos séculos XV e XVI, nas quais embarcavam ainda cartógrafos, astrônomos, misturados à horda de marinheiros e aventureiros. *A jangada de pedra* – padrão não fincado, mas deslizante – se lança ao mar sem destino certo, mas em movimento constante e obstinado, sob uma lógica desconhecida. E é essa percepção intuitiva de que há uma outra lógica para além das coisas que faz com que Joana Carda procure em Lisboa os dois portugueses e o espanhol que também haviam protagonizado estranhos ocorridos quando se iniciou a navegação da península:

Se fui a Lisboa procurá-los, não terá sido tanto por causa dos insólitos a que estão ligados, mas porque os vi como pessoas separadas da lógica aparente do mundo, e assim precisamente me sinto eu, teria sido uma desilusão se não tivessem vindo comigo até aqui, mas vieram, pode ser que alguma coisa ainda tenha sentido, ou volte a tê-lo depois de o ter perdido todo... (SARAMAGO, 1989, p. 139).

Rompida a lógica aparente do mundo ou, pelo menos, questionada, os viajantes desse novo mundo terão de atribuir sentidos outros às coisas passadas, buscando encontrar-lhes não uma explicação plausível, mas mostrar o quanto têm lugar as perguntas que nunca fazemos. Nesse movimento de dar significado, como observa Joana Carda, alguma coisa talvez ainda tenha sentido ou volte a tê-lo depois de o ter perdido de todo.

No início ou a sustentar todo esse processo de significação constante, insere-se o desejo. O desejo é o que move os personagens a encontrar-se, a particularizar suas viagens e compartilhá-las amorosamente. O desejo instaura-se na fenda aberta pela península, fenda que não se fecha, que carece de significação, que incita à interpretação e que remete à fissura de que somos feitos. Sujeitos cindidos, sempre em busca de algo que suture essa cisão primordial, e essa busca é determinada pelo desejo, conforme sustenta a Psicanálise.

Para Jacques Lacan, a teoria de Freud instaurou uma nova maneira de pensar o sujeito. Segundo o psicanalista francês, Freud “parte de uma noção diametralmente contrária à perspectiva teórica. Ela começa por estabelecer um mundo do desejo. (...) O mundo freudiano não é um mundo das coisas, não é um mundo do ser, é um mundo do desejo como tal” (LACAN, 1985, p. 280). É o desejo que se instaura na fenda aberta e deparar-se com a fenda é olhar de frente a condição humana, a humana experiência. Assim, a península se humaniza, singulariza-se ao buscar caminho próprio como quem experiencia a maturidade longe da mãe Europa. Como salienta o narrador, a viagem da jangada de pedra desenha uma outra cartografia europeia na qual a península de fato, e não apenas no discurso dos países europeus hegemônicos, não existe. Também para os habitantes ibéricos, a fenda criada e a navegação sem rumo da península, ou melhor, da ilha, proporcionam um novo olhar sobre o velho continente. Como observa o narrador do romance, “Provavelmente, quando chegar lá, já não vê a Europa. Se eu a não vir, é porque ela nunca existiu, afinal tem inteira razão Roque Lozano, que para que as coisas existam duas condições são necessárias, que homem as veja e homem lhes ponha nome” (SARAMAGO, 1989, p. 67).

Desse modo, verdades previamente ditas, canônicas, consagradas - mesmo as mais sólidas como a divisão geopolítica de um continente com seus acidentes geográficos, planaltos, planícies e tudo o mais - são postas à prova e os homens e mulheres desses novos tempos se deparam com o vazio sobre o qual deslizam novos significantes. Os novos tempos impõem um olhar desprovido de pré-conceitos. Como salienta um dos personagens, “A minha sabedoria está-me aqui a segredar que tudo só parece, nada é, e temos de contentar-nos com isso” (SARAMAGO, 1989, p. 126).

O romance discute assim o paradigma ibérico, pondo em xeque o lugar da península Ibérica na Europa e validando as diferenças significativas entre a cultura da península e a cultura dos demais países europeus. Entretanto, para além da questão geopolítica, tão em voga em razão das discussões sobre o caráter fronteiro das nações na era da chamada globalização, lê-se igualmente n’*A jangada de pedra* a

construção do paradigma de um novo tempo, no qual homens e mulheres redefinem seus espaços, suas relações afetivas, suas vidas. Os personagens que se unem por conta do acaso – se considerarmos serem obras do acaso os estranhos fenômenos testemunhados ou protagonizados por cada um deles – percebem o quanto será preciso despir-se de preconceitos, inventar-se outro para iniciar uma nova etapa.

Nesse processo de significação constante, engendra-se o amor. Nesse romance, o amor e a solidariedade constituem a liga que une os viajantes. Joana e José, Joaquim e Maria formam os novos casais, mas isso não impede que Maria e Joana, atentas à solidão triste de Pedro Orce, idoso e cansado, tenham cada uma um encontro amoroso com o mais idoso do grupo, mesmo que esse ato ponha em risco o futuro de suas relações com Joaquim e José, respectivamente. Os novos paradigmas amorosos, em uma península à deriva, pressupõem que se viva o presente e que nele os afetos se estabeleçam com respeito e solidariedade como a engendrar uma nova humanidade constituída dos homens imaginários que a península procura:

Um dia que já la vai, D. João o Segundo, nosso rei, perfeito de cognome e a meu ver humorista perfeito, deu a certo fidalgo uma ilha imaginária, diga-me você se sabe doutro país onde pudesse ter acontecido uma história como esta. E o fidalgo, que fez o fidalgo, foi-se ao mar à procura dela, gostaria bem que me dissessem como se pode encontrar uma ilha imaginária. A tanto não chega a minha ciência, mas esta outra ilha, a ibérica, que era península e deixou de o ser, vejo-a eu como se, com humor igual, tivesse decidido meter-se ao mar à procura dos homens imaginários (SARAMAGO, 1989, p. 61).

A morte de Pedro Orce dirime os últimos restos de alguma animosidade entre os casais, uma vez que no “grande esforço de transformar pela palavra o que talvez só pela palavra possa vir a ser transformado” (SARAMAGO, 1989, p. 34), os casais acabam por reestabelecer os elos partidos:

(...) Desde que a viagem começou, Joana Carda e Maria Guavaira choram. A este homem que aqui vai morto deram elas o seu corpo misericordioso, com suas próprias mãos o puxaram para si, o ajudaram, e talvez sejam filhos dele as crianças que se estão gerando dentro dos ventres que os soluços fazem tremer, meu Deus, meu Deus, como todas as coisas estão entre si ligadas, e nós a julgarmos que cortamos, ou mesmo atamos quando queremos, por nossa única vontade, esse é o maior dos erros, e tantas lições nos têm sido dadas em contrário, um risco no chão, um bando de estorninhos, uma pedra atirada ao mar, um pé-de-meia de lã azul, se a cegos mostramos, se a gente endurecida e surda pregoamos (SARAMAGO, 1989, p. 315).

Viajantes dos novos tempos e de outros espaços – ainda que aparentemente os mesmos – os personagens resolvem permanecer juntos mesmo depois da morte de Pedro Orce, quando a península para subitamente de navegar. O futuro ninguém sabe o que será. Mas as mulheres grávidas da ilha Ibérica e a vara de negrilho, que subitamente enverdece, apontam simbolicamente para um renascimento e para a nova identidade ibérica.

## **In the cleaves of the peninsula and of the subject: Jose Saramago's *The Stone Raft***

### **ABSTRACT:**

This article reviews Jose Saramago's novel *The Stone Raft*, first published in 1986. The writer uses fiction to describe Portugal's accession to the European Union by creating a fantastical journey of the Iberian peninsula separating itself from

the European continent and sailing the Atlantic ocean until it's fixed between America and Africa. Moreover, the novel proposes a new glimpse on the events, favoring a more sensory, intuitive observation of them, as well as the acceptance that there are some things that we can not rationally understand. This journey draws the baroque peculiarity of the peninsula and its people.

**Keywords:** Voyage. Europeism. Iberism.

## Nota explicativa

\* Professora Adjunta IV de Literatura Portuguesa – Departamento LIPO – Instituto de Letras – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ.

## Referências

LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 415 p.

LOURENÇO, Eduardo. Nós e a Europa. Ressentimento e fascínio. In.: \_\_\_\_\_. *Nós e a Europa ou as duas razões*. 4. ed. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994, p. 25-37.

RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988. (Coleção Princípios). 77 p.

SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 315 p.